

REFLEXÕES SOBRE OS CORPOS TRANS: EXISTÊNCIA E RELAÇÃO COM A PRÁTICA CORPORAL

REFLECTIONS ON TRANS BODIES: THEIR EXISTENCE AND RELATIONSHIP WITH THE BODY PRACTICE

REFLEXIONES SOBRE LOS CUERPOS TRANS: SU EXISTENCIA Y RELACIÓN CON LA PRÁCTICA CORPORAL

Lucas Afonso de Souza¹
Tatiane Calve²
Carlos Alberto Holdefer³

Resumo

O corpo pode ser conceituado e representado por características individuais e sociais de acordo com aspectos temporais. O conceito de transexualidade pode ser considerado a partir de diferentes visões, uma delas estabelecida pela medicina e outra pelas ciências sociais. Na visão médica, a identidade sexual é determinada pelo sexo biológico dos sujeitos, já as ciências sociais discutem a transexualidade no campo do universo sociocultural. A prática regular de exercícios físicos entre mulheres e homens transexuais se consolida como essencial pois essas vivências podem atenuar os efeitos violentos que a sociedade marca nestes corpos. Assim sendo, este trabalho se propõe refletir sobre a condição da transexualidade e os sentidos a ela relacionados, bem como evidenciar possibilidades e alternativas que conduzem a uma vida mais saudável, baseadas no bem-estar dessas mulheres e homens. Para a realização do presente estudo, foi feita uma revisão bibliográfica a partir dos termos corpo, gênero, transgênero e atividade física. A pesquisa foi realizada em bases de dados on-line, artigos científicos e livros sobre o tema. Com este estudo consideramos que a discussão sobre gênero e transexualidade deve ser vista como tema importante para a área da educação física, uma vez que todos os indivíduos têm direito legal à prática regular de exercícios físicos, além de ser importante para a saúde e bem-estar físico e mental da população trans.

Palavras-chave: Transexualidade. Identidade sexual. Corpo. Atividade física.

Abstract

The body can be conceptualized and represented by individual and social characteristics according to temporal aspects. The concept of transsexuality can be considered from different perspectives, one established by medicine and the other by the social sciences. In the medical view, sexual identity is determined by the biological sex of the subjects, while the social sciences discuss transsexuality in the field of the socio-cultural universe. The regular practice of physical exercises between transsexual women and men is consolidated as essential because these experiences can mitigate the violent effects that society has on these bodies. Therefore, this work aims to reflect on the condition of transsexuality and its meanings and highlight possibilities and alternatives that lead to a healthier life based on the well-being of these women and men. A bibliographic review was done based on the terms body, gender, transgender, and physical activity to carry out the present study. The research was carried out in online databases, scientific articles, and books on the topic. With this study, we consider that the discussion about gender and transsexuality should be seen as an important topic for the area of physical education since all individuals have a legal right to the regular practice of physical exercises, besides being important for health and physical and mental well-being of the trans population.

Keywords: Transsexuality. Sexual identity. Body. Physical education.

¹ Acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física. Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: lucasafonsogo@gmail.com.

² Doutora em Ciências da Saúde. Docente do curso de Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: tatiane.c@uninter.com.

³ Especialista em MBA em gestão de projetos em eventos. Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: carlos.h@uninter.com.

Resumen

El cuerpo puede ser definido y representado por características individuales y sociales de acuerdo con aspectos temporales. El concepto de transexualidad puede ser asumido a partir de diferentes visiones, una de ellas es la que establece la medicina, otra por las ciencias sociales. En la perspectiva médica, la identidad sexual está determinada por el sexo biológico de los sujetos; las ciencias sociales discuten la transexualidad en el campo del universo sociocultural. La práctica regular de ejercicios físicos entre mujeres y hombres transexuales se consolida como esencial, puesto que esas vivencias pueden atenuar los efectos violentos que la sociedad marca en esos cuerpos. Por ello, este trabajo se propone reflexionar sobre la condición de transexualidad y los sentidos a ella relacionados, así como poner en evidencia posibilidades y alternativas que conducen a una vida más saludable, orientadas al bienestar de esas mujeres y hombres. Para la realización de este estudio se hizo una revisión bibliográfica a partir de los términos cuerpo, género, transgénero y actividad física. La investigación se realizó en bases de datos online, artículos científicos y libros sobre el tema. Con este estudio, consideramos que la discusión sobre género y transexualidad debe ser vista como tema importante para el área de la educación física, una vez que todo individuo tiene derecho legal a la práctica regular de ejercicios físicos, además de ser importante para la salud y el bienestar físico y mental de la población trans.

Palabras-clave: Transexualidad. Identidad sexual. Cuerpo. Actividad física.

1 Introdução

“Gênero é uma representação, o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas” (DE LAURETIS, 1994, p. 209), ou seja, é uma categoria intrinsecamente relacionada à forma como as relações sociais são estabelecidas no campo da cultura.

O binarismo, entendido no esquema feminino/masculino reduz as possibilidades de existir e performar os sexos, e isso é muito bem percebido na transexualidade e travestilidade (BENTO, 2008).

O sistema binário produz e reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais (BENTO, 2008, p. 17).

Ao analisar a trajetória histórica do corpo, é possível perceber que antes do binarismo, o isomorfismo se instaurou enquanto compreensão de corpo. “O corpo é representado por continuidade e a diferença é representada em termos de graus, mais quente ou mais frio” (BENTO, 2008, p. 26-27). Não havia dois sexos em dois corpos, mas sim um corpo que, de acordo com o grau de temperatura, se manifestava mais para o masculino ou para o feminino.

A modernidade, com o fortalecimento do discurso científico, consolidou o entendimento de dimorfismo, no qual a diferença sexual de dois corpos marcou significativamente a forma como a sociedade se organiza e se desenvolve.

O principal desafio é perceber os desdobramentos que o dimorfismo trouxe para o âmbito da organização social, quais os valores que foram estabelecidos, a favor de

quem e quais foram silenciados. Pensar a distribuição dos corpos na estrutura social como o resultado de disputas de visões significa considerar o próprio discurso científico como elemento prenhe de ideologia de gênero e como um dos guardiões das normas de gênero (BENTO, 2008, p. 32).

O corpo é o elemento fundamental para o desenvolvimento e atuação da Educação Física. Compreender e respeitar as especificidades existentes nos diversos corpos que ocupam e existem nos espaços sociais é essencial para que as e os profissionais desta área possam atuar de forma humanizada. Deste modo, a prática do educador físico necessita assiduamente de um olhar e um fazer profissional alinhado à realidade que ela ou ele presencia ou pode vivenciar cotidianamente.

A investigação que relaciona a prática regular de exercícios físicos entre mulheres e homens transexuais se consolida como essencial na compreensão de que estas vivências podem atenuar os efeitos violentos que a sociedade marca nestes corpos.

Assim sendo, este trabalho se propõe refletir sobre a condição da transexualidade e os sentidos a ela relacionados, bem como evidenciar possibilidades e alternativas que conduzem a uma vida mais saudável, baseadas no bem-estar dessas mulheres e homens.

Para a realização do presente estudo, foi feita uma revisão bibliográfica, a partir dos termos corpo, gênero, transgênero e atividade física. A pesquisa foi realizada em bases de dados online, artigos científicos e livros sobre o tema.

2 Existências transgressoras

Além de ser compreendido como construção sociocultural, o gênero produz um aparato semiótico, “um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro de uma sociedade” (DE LAURETIS, 1994, p. 212). Questões estas que se envolvem nos comportamentos e relações que se estabelecem no meio social.

A compreensão de sexo, segundo Butler (2003), não diz respeito a uma “natureza biológica”, mas é percebida também enquanto um meio discursivo e cultural, tal como o gênero. Desta forma, “A ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura”, constituindo-se assim em “uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25).

Para Butler (2003), esta ideia de construção sugere certo determinismo de significados de gênero, “inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável” (BUTLER, 2003, p.

26). A mesma autora afirma que o olhar sobre o corpo/sexo/gênero parte de um discurso cultural hegemônico, o mesmo que é eurocentrado e heteronormativo.

A capacidade performática, termo cunhado pelo pesquisador John Austin (1990) e mencionado na obra de Bento (2008), evidencia o processo de produção de sentidos em determinadas ações, como por exemplo ao se tratar de sexo/gênero. “Quando se diz ‘menino/menina’, não se está descrevendo uma situação, mas produzindo masculinidades e feminilidades condicionadas ao órgão genital” (AUSTIN, 1990 apud BENTO, 2008, p. 37).

Observa-se que a subversão de um sistema heteronormativo é consolidada com a existência e circulação de corpos que não se enquadram no binarismo de gênero.

Travestis e transexuais são sujeitos que subvertem as normas identitárias sexuais e de gênero vigentes e, de formas diferenciadas, são trazidos para as normas: transexuais via processo de patologização, tendo o recurso hormo-cirúrgico como tecnologia de controle e medicalização do corpo, ou, no caso das travestis, lançados na arena social via processo de estigmatização cuja solução – aceitação social – dependerá de uma mudança nos sistemas de sexo-gênero hegemônicos (SANTOS, 2014, p. 81).

Quando a pessoa, em seu processo de identificação com o sexo/gênero, rompe com este pensamento hegemônico, criam-se conflitos que cerceiam a liberdade e o direito de vida desses corpos. A transexualidade é compreendida, desta forma, dentro de um processo de patologização.

Bento (2008) considera que o protagonismo dado à Medicina, Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria, neste processo de saberes para a identificação do sexo dos sujeitos, revela que os trânsitos de gêneros nas sociedades ocidentais passaram a ser interpretados como uma doença.

Se as ações não conseguem corresponder às expectativas estruturadas a partir de suposições, abre-se uma possibilidade para se desestabilizar as normas de gênero, que geralmente utilizam da violência física e/ou simbólica para manter essas práticas às margens do considerado humanamente normal. O processo de naturalização e a patologização fazem parte desse processo de produção das margens, local habitado pelos seres abjetos, que ali devem permanecer (BENTO, 2008, p. 43).

Há um conflito de percepção da transexualidade entre as visões estabelecidas pela medicina e pelas ciências sociais. Na visão médica, a identidade sexual é determinada pelo sexo biológico dos sujeitos e quaisquer desvios que rompam com esta lógica são considerados transtornos, os quais precisam de processos de adaptação cirúrgicos. Por outro lado, as ciências sociais discutem a transexualidade no campo do universo sociocultural, com um posicionamento crítico em relação à biomedicina (SAMPAIO; COELHO, 2013).

Os olhares acostumados ao mundo dividido em vaginas-mulher-feminino e pênis-homens-masculino ficam confusos, perdem-se diante de corpos que cruzam os limites fixos do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e ao fazê-lo podem ser capturados pelas normas de gênero mediante a medicalização e patologização da experiência. Na condição de “doente”, o centro acolhe os habitantes da margem para melhor excluí-los. Este centro construirá explicações aceitas como oficiais. A simplicidade binária que se supunha organizar e distribuir os corpos na estrutura social, perde-se, confunde-se. E finalmente, chega-se à conclusão que ser homem e/ou mulher não é tão simples (BENTO, 2008, p. 22).

Ser transexual no Brasil é afirmar uma identidade que vive constantemente ameaçada de dissonantes formas e em diferentes espaços. A existência destas mulheres e homens agencia percepções que extrapolam a compreensão hegemônica de corpo cisgênero⁴ e com isso provoca reações baseadas no estranhamento e repulsa.

Em seu cotidiano, as pessoas transgênero são alvos de preconceito, desatendimento de direitos fundamentais (diferentes organizações não lhes permitem utilizar seus nomes sociais e elas não conseguem adequar seus registros civis na Justiça), exclusão estrutural (acesso dificultado ou impedido à educação, ao mercado de trabalho qualificado e até mesmo ao uso de banheiros) e de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios, o que configura a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis denominada — transfobia (JESUS, 2012, p. 3).

A transexualidade pode se constituir em um desafio na medida em que é compreendida em um pensamento reducionista de que as pessoas transexuais são sujeitos presos em corpos equivocados. Em alternativa a esta percepção, o caminho possível de pensamento é que estas pessoas combinam os conceitos de masculino e feminino, em experiências diferentes de “nomadismo”, a hibridação, a contaminação entre o ser mulher e o ser homem (TEIXEIRA, 2012).

Com o objetivo de denunciar os casos de violência e violações dos Direitos Humanos contra a população de transexuais e travestis, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) articularam e desenvolveram o Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais composto de três edições (2017, 2018 e 2019).

O Brasil ocupa a primeira posição como país que mais mata travestis e transexuais no mundo nos últimos 10 anos; apenas em 2019 foram 130 notificações de assassinatos. Na América Latina, o país representa 60% de todas as mortes registradas de 2014 a 2019 (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020).

⁴ Pessoa que se identifica com o sexo biológico do nascimento.

“Em levantamento recente, a Revista Gênero e Número, revelou um aumento de 800% das notificações de agressões contra a população trans, chegando ao grave número de 11 pessoas agredidas diariamente no Brasil” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 10).

Com a continuidade dos casos de violências contra a população e a inexistência de políticas públicas que visem proteger e assegurar a vida destas mulheres e homens, percebe-se um Estado cada vez mais omissivo em relação a esta realidade violenta.

Durante diversos períodos deste ano, o governo federal, através de sua nova cúpula nomeada, comandada e alinhada com fundamentalistas religiosos, tem se colocado contra a decisão do STF, que, embora não tenha legislado, reconheceu a mora do Estado em garantir proteção específica na forma da lei a uma população vítima de diversos tipos de violências, também específicas. Da mesma forma, o governo tem cassado direitos, retrocedido em temas que havíamos avançado e tem cada vez mais se mostrado anti-LGBTI, pautando uma agenda anti-gênero e contra direitos sociais e políticos das pessoas trans (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 9).

O debate sobre o ataque aos direitos de mulheres e homens transexuais, bem como às outras identidades presentes na comunidade LGBTQUIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queers*⁵, Intersexos⁶, Assexuais, entre outras) é fundamental e imprescindível. Muito mais que a compreensão simplista da ideologia, este debate se refere a vidas, pessoas, mulheres e homens que estão sendo impedidas de circular, viver, existir.

3 Sentidos atrelados à realidade dos corpos de mulheres e homens transexuais

O corpo de um homem ou de uma mulher transexual tende a ser compreendido como objeto de contrapontos que leva a sabedoria popular a cometer muitos equívocos, pois perpassa a composição biológica, tendenciosamente direcionando a uma realidade cultural ligada aos padrões de entendimento de corpo. Thomas Laqueur (apud SANTOS, 2015, p. 635), cita que “os anatomistas, até o século XVIII, trabalhavam com a ideia de que existia apenas um corpo e pelo menos dois gêneros”.

Esses conceitos continuam enraizados até a atualidade devido aos resquícios de uma cultura machista que perdura na sociedade contemporânea.

Nesse contexto histórico, as possibilidades de variações entre as mulheres – das agressivas às delicadas – e homens – dos bravos aos efeminados – criavam um campo amplo e múltiplo de alternativas para se colocar no mundo e um papel social reconhecível, tanto de mulher como de homem (SANTOS, 2015, p. 635).

⁵ Identidade marcada pela fluidez de gênero, isto é, a pessoa pode se identificar tanto quanto mulher quanto homem.

⁶ As pessoas *intersexuais* apresentam variações genéticas que não correspondem completamente ao sexo masculino ou feminino (INTERSEXUAL..., 2019, n. p.).

Essa percepção de padrões dos corpos nos direciona ao corpo na contemporaneidade que, de acordo com De Toledo Bruns (2016), ocupa o lugar de mercadoria que é submetida a reparos e tem duração programada. Passa por uma construção de identidades e subjetividades pautadas em artefatos fixados sob ou sobre a pele como *piercings*, tatuagens, escarificações, silicones, hormônios, *body building*, *crossdressing*, que constituem métodos de afirmação do eu a partir do corpo.

A sociedade evoluiu e com isso surgiram novos conceitos de um corpo socialmente reconhecido como de cunho sexual.

Para chegarmos ao estado atual, já se passaram alguns anos desde a chamada “revolução sexual” ocorrida no Ocidente na década de 60 do século passado, quando as ideias de diversidade e individualidade ganham literalmente os corpos e passam a guiar novas visões e práticas em relação ao que percebemos, avaliamos e julgamos como sendo masculino e feminino ou neutro em termos de sexualidade e gênero (SMITH, 2017, p. 1087).

Para Butler (2000, p. 154-155 apud SANTOS, 2015, p. 642), o sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: para além disso, ele é uma das normas pelas quais o alguém simplesmente se torna viável, ou seja, aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. Esta afirmação remete a um entendimento de que o corpo não tem somente uma relação direta com o sexo, mas é a sua representatividade e viabilidade.

A conturbada relação entre corpo, sexo e gênero no processo de autoconhecimento pode gerar consequências traumáticas e de saúde. A necessidade de transformação dos corpos nesse processo é quase que uma necessidade básica.

O uso de silicone, hormônios e cirurgias plásticas para atingir a modelagem ideal do corpo pelas travestis se tornou algo corriqueiro entre essa população levando a um problema de saúde pública pelas lesões, deformações e até mortes (DE TOLEDO BRUNS, 2016, p. 434).

Esses comportamentos de corporeificação e da aparência incitam ao pensamento de que o corpo corresponde àquilo de que gosto ou sou, e não depende das heranças genéticas, filiações culturais ou de classe (SANTOS, 2015).

4 Considerações finais

Percebemos, com a realização do presente estudo, que o significado de corpo passa por mudanças de acordo com características históricas e socioculturais.

Foram discutidos os significados de gênero e transexualidade. Assim, observamos que, durante o processo de identificação com o gênero, se pode romper com o pensamento hegemônico, criando conflitos em relação ao corpo, o que torna a transexualidade um processo de patologização.

Por isso ser transexual no Brasil é afirmar uma identidade que vive constantemente ameaçada de dissonantes formas e em diferentes espaços. E que, até mesmo a prática de exercícios físicos acaba por ser dificultada devido ao preconceito em relação a essa população. Entretanto, a prática regular de exercícios físicos entre mulheres e homens transexuais é essencial na compreensão de que estas vivências podem atenuar os efeitos violentos que a sociedade marca nestes corpos.

Consideramos necessário, ainda, que novos trabalhos a respeito do tema sejam realizados com o objetivo de esclarecer possíveis dificuldades na aceitação da prática regular de exercícios físicos por pessoas transexuais.

Referências

INTERSEXUAL: 'Agora sei por que não menstruo', diz jovem sobre descoberta e aceitação. **BBC News Brasil**. 15 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47250834>. Acesso em: 10 set. 2020.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves; DAVI, Edmar Henrique Dairell. Travestis: corpos em trânsito!? Sonho, mito e realidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 1, p. 434-444, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Violência transfóbica e movimentos de afirmação identitária no Brasil: desafio e possibilidades. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DIREITOS HUMANOS, VIOLÊNCIA E POBREZA: a situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje, 4., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Rede Sírius/UERJ, 2012.

MARCOS, Cristina Moreira; DA SILVA MOREIRA, Euza Aparecida. Breve percurso histórico acerca da transexualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 593-609, 2019.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. A transexualidade na atualidade: discurso científico, político e histórias de vida. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADE, 3., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UNEB, 2013.

SANTOS, Ailton. Transexualidade e travestilidade: conjunções e disjunções. *In*: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas (org.). **Transexualidades: um olhar multidisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A biopolítica educacional e o governo de corpos transexuais e travestis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 630-651, 2015.

SMITH, Andreza do Socorro Pantoja de Oliveira; SANTOS, Jorge Luiz Oliveira dos. Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1083-1112, 2017.

TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Histórias que não têm era uma vez: as (in) certezas da transexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 501-512, 2012.